

Onde, porquê, como

O mapa não é o terreno

Isaac Asimov

Quanto mais exacto for o mapa,
mais se parece com o território.
O mapa mais preciso possível seria
o próprio território, perfeitamente
preciso e perfeitamente inútil.

Neil Gaiman, *American Gods*

Este momento presente – nítido.

O passado – histórias.

Apenas histórias. Todas coloridas.

Assim, escolhem as nossas cores.

Escolhem as cores que vemos.

Ta Shu, em Kim Robinson, *Antarctica Inc.*

1.1. Localização

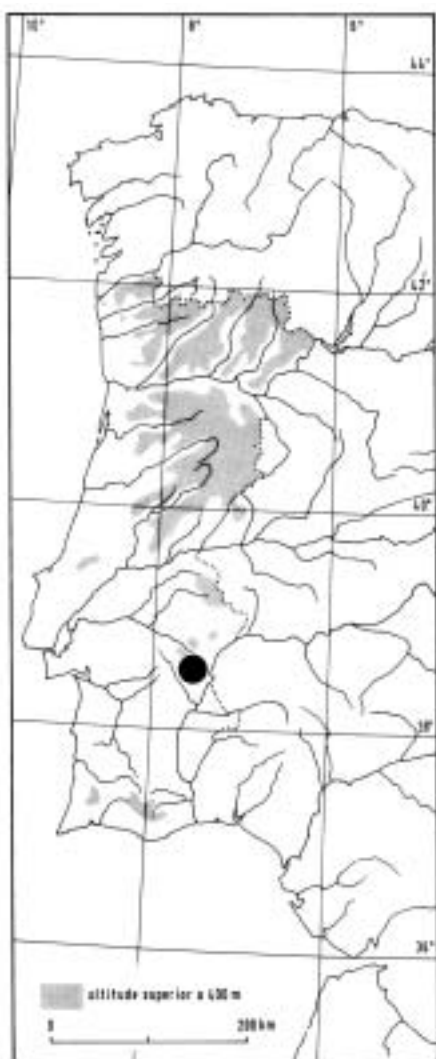
A Anta 3 de Santa Margarida encontra-se localizada na Herdade do mesmo nome, Distrito de Évora, Concelho de Reguengos de Monsaraz, Freguesia de S. Pedro do Corval (antiga Aldeia do Mato). A Herdade é actualmente propriedade do Sr. José dos Santos Lopes, residente em Reguengos de Monsaraz, cuja autorização para execução dos trabalhos se agradece, bem como a prontidão com que aceitou a começar, em 2001, a colheita de trigo duro pela fracção que incluía a anta, de forma a que os trabalhos se pudessem iniciar na época programada.

O proprietário operou profundas transformações na Herdade, procurando libertar espaço para cultivo em terreno chão. Removeu assim blocos dispersos de granito, alguns de razoáveis dimensões, regularizou o solo, remobilizou componentes pétreos para efectuar aterros de depressões no terreno e antropizou definitivamente uma área que se mantinha quase selvagem.

A leitura de visibilidades assumiu esta situação como uma condicionante e, em alguns casos, foi mesmo feita antes de terem ocorrido as transformações topográficas que referi. Algumas destas, aliás, sobretudo as efectuadas na área a Norte dos monumentos megalíticos, não afectaram as visibilidades disponíveis inicialmente, interrompidas por acumulações de penhascos de granito que eram impossíveis de destruir completamente.

A anta tem o # 34 no inventário de Georg e Vera Leisner (1951, p. 223-224) e recebeu na UNIARQ, para registo, o código *STAM-3*. A sua localização é:

A anta tem o # 34 no inventário de Georg e Vera Leisner (1951, p. 223-224) e recebeu na UNIARQ, para registo, o código *STAM-3*. A sua localização é:



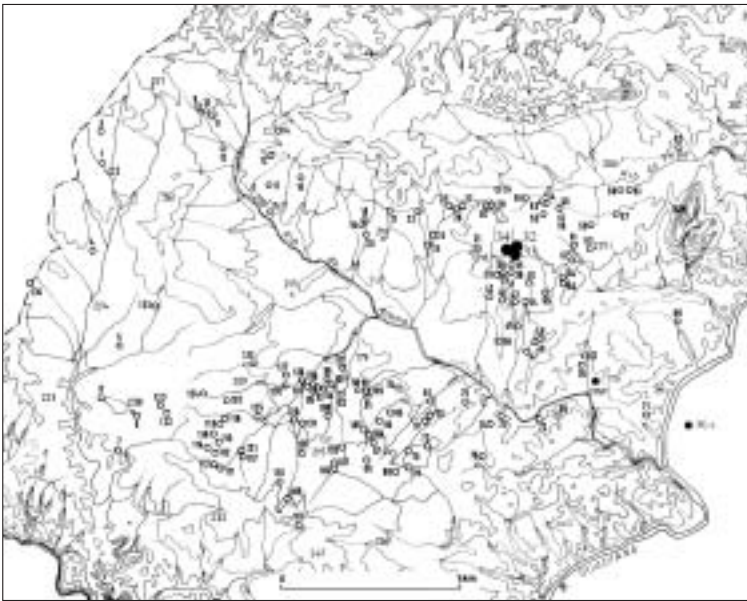
MAPA 1 – Reguengos de Monsaraz no território actualmente português.

Coordenadas	<i>STAM 3</i>
Rectangulares	(M): X: 260337.25
Militares	(P): Y: 163327.86
Geográficas	Longitude (W): 07° 26' 27''.220
Datum Lisboa	Latitude (N): 38° 26' 00''.836
Geográficas	Longitude (W): 07° 26' 26''.409
Europeu 1950	Latitude (N): 38° 26' 11''.001

As outras duas antas da Herdade de Santa Margarida têm as seguintes localizações:

Monumentos → Coordenadas ↓	<i>STAM 1</i>	<i>STAM 2</i>
Rectangulares	(M): X: 260926.49	(M): X: 260933.15
Militares	(P): Y: 163598.11	(P): Y: 163242.43
Geográficas	Longitude (W):	Longitude (W):
Datum Lisboa	07° 26' 02''.843	07° 26' 02''.680
	Latitude (N):	Latitude (N):
	38° 26' 09''.456	38° 25' 57''.920
Geográficas	Longitude (W):	Latitude (N):
Europeu 1950	07° 26' 02''.030	38° 26' 19''.621
	Longitude (W):	Latitude (N):
	07° 26' 01''.867	38° 26' 08''.085

Note-se que estas coordenadas substituem as divulgadas em Gonçalves, 2001a, p. 118-120, que, por erro de origem, tinham as referências P e M trocadas.



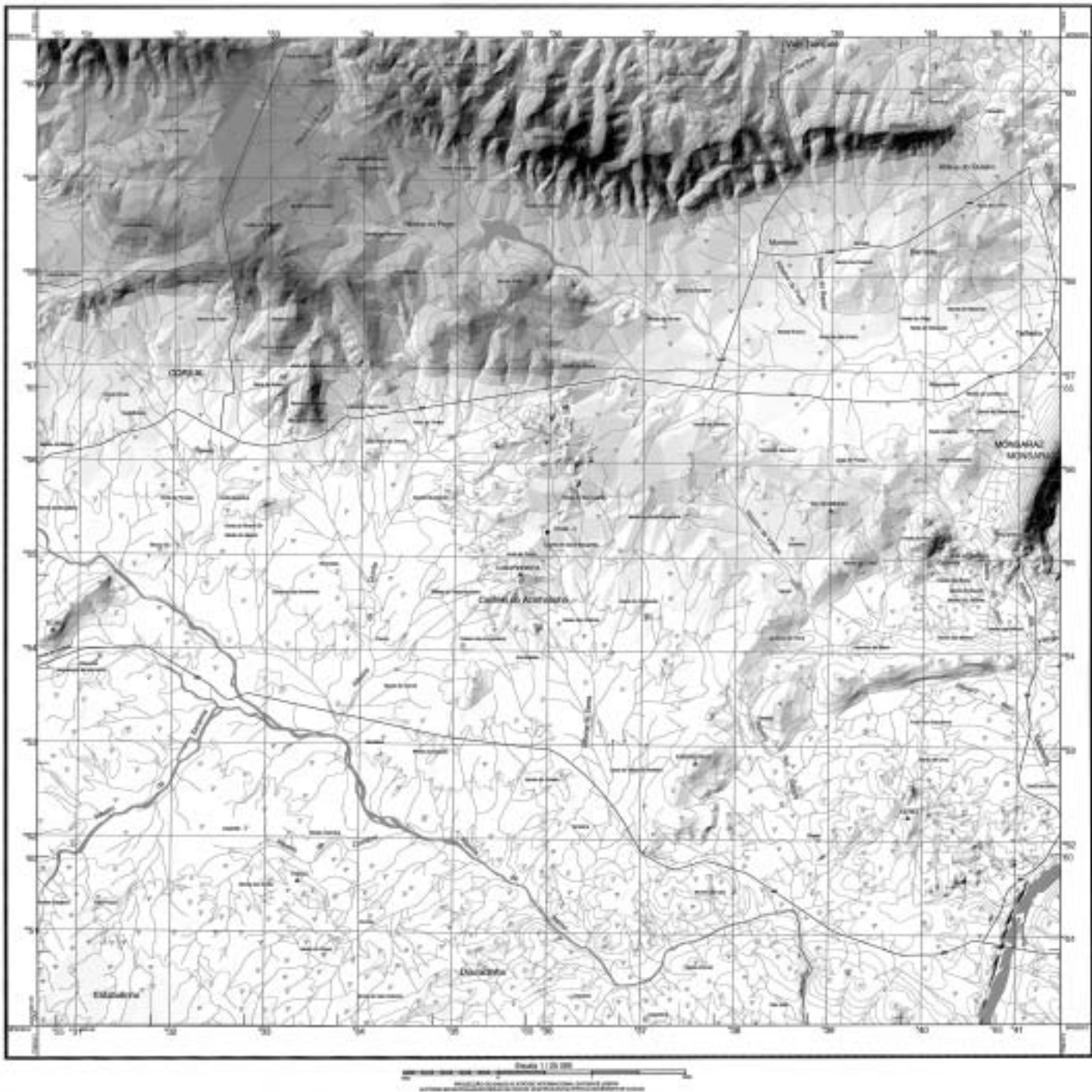
MAPA 2 – As antas da Herdade de Santa Margarida no contexto do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. MNP assinala a anta, descoberta recentemente, do Monte Novo do Piornal. FC-I, Anta 1 da Fábrica de Celulose (Mourão). Como se observa facilmente, as antas da Herdade de Santa Margarida ocupam um ponto central na distribuição do megalitismo do território nuclear a Norte da Ribeira do Álamo, que corta transversalmente o Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Base cartográfica segundo Gonçalves, 1992.

1.2. Descrição e listagem de componentes do monumento

Antes do início dos trabalhos, a descrição possível era a divulgada em Gonçalves, 2001, p. 126: «Anta 3 - A anta melhor conservada, com uma estrutura tumular bem visível na paisagem, foi parcialmente arrasada, mas é recuperável. No entanto, as lavras fundas deixam entrever a sua total destruição, se não se verificar uma intervenção imediata. Um dos esteios, ainda intacto, foi totalmente removido do seu alvéolo. Outros apresentam marcas de perda de massa pétrea e estão afectados. O Corredor estava, na altura da última visita, aparentemente intacto. O interior do monumento está preservado.»

Nos inícios da Campanha de 2001, a descrição era a seguinte:

1. *Tumulus*: confirmou-se a sua existência («...*Tumulus* de altura ainda considerável.», Leisner e Leisner, 1951, p. 251), mas não com a volumetria inicialmente sugerida pelo relevo, que deve também ter confundido os Leisner. O aspecto «considerável» do *Tumulus* devia-se afinal a uma grande (e antiga) acumulação de terras e pedras, acrescida de deposições recentes provenientes da remoção mecânica da manta morta em torno do monumento, pelo que, neste acréscimo mais recente, a terra estava misturada com folhas em decomposição e restos do coberto vegetal, apresentando uma cor castanho escuro acinzentado (Munsell 2.5 Y 4/2, *dark grayish brown*, lido às 14:35 h, com iluminação directa, sol sem nuvens);
2. *Corredor*: orientado a 130°. O esteio ECrD-1 está visível como antes, mas apenas o seu topo, tal como acontece com o esteio gémeo ECrE-1. Mas, pelas suas diferentes morfologias de topo, não são «gémeos verdadeiros» e a complexificar a leitura do conjunto estão pedras que podem ter sido tampas do Corredor, ou componentes de mecanismos de fecho, emergindo das terras de acumulação recente (a posição dos esteios do Corredor em relação ao primeiro e último da Câmara não era ainda esclarecedora na fase inicial da escavação e nunca foi completamente nítida);
3. *Câmara*: foram recuperadas nove pedras, duas das quais correspondendo certamente a ECrM-1 e -2, este último intacto (trata-se do esteio que foi arrancado quase na vertical pela máquina que em 2000 tentou destruir o monumento). Estes blocos encontram-se num



MAPA 3 – STAM-3: a implantação no relevo. Base cartográfica: Instituto Geográfico do Exército.

estado que varia do integralmente conservado (ECm-2) a pequenos fragmentos e blocos de granito que só se reconhecem como tendo pertencido aos ortóstatos da Câmara por apresentarem superfícies que conservaram parcialmente o bojudamento. ECm-2 pode ser considerado um piloto de referência para outros esteios da Câmara, sendo as suas dimensões 3,48 de altura, 1,70 de largura na base, 0,85 de largura no topo e 0,65 m de espessura na base (neste caso, igual a espessura máxima). À exceção de ECm-2, que ficou no exterior esquerdo do Corredor, todos estes blocos foram postos a salvo cerca de 25 m a Oeste da anta, sob as azinheiras que aí se encontram.

QUADRO 1

Listagem de esteios (E), alvéolos de esteios da Câmara (AECm), tampas e fragmentos de ortóstatos. (#= número de inventário).

#	Função	Larg	Alt	Esp	Comentário
1	Desconhecida	1,65	3,46	0,45	
2	Desconhecida	1,05	2,28	0,29	
3	Desconhecida	1,17	1,15	0,33	Largura na fractura: 1,04 m.
4	Desconhecida	1,52	2,32	0,40	
5	Desconhecida	1,22	0,84	0,30	
6	Desconhecida	1,40	1,14	0,42	
7	Desconhecida	1,07	0,37	0,30	
8	Fragmento de esteio	1,28	1,76	0,42	Topo de ECm-4? Largura na fractura: 1,35 m
9	Fragmento de tampa do Corredor				
10	Opérculo-porta da entrada do Corredor	0,70	0,94	0,13	
11	Uma das tampas do corredor muito provavelmente a primeira	0,73	0,35	0,13	
12	Esteio, actualmente fracturado, de pré-apoio à porta do Corredor e instalado do seu lado esquerdo	0,68	*	0,25	* encontra-se actualmente quebrado e a sua base não está definida
13	Laje que funciona como fecho de cutelo da Câmara	0,99	0,83	0,10	
14	Primeiro reforço em altura a ECr-1, e o mais pequeno dos dois	0,73	0,27	0,17	
15	Segundo reforço em altura a ECr-1	1,09	0,50	0,24	
16	Bloco de proveniência desconhecida				
17	Estela (?)	0,38	0,88	0,12	Eventual gravação serpentina. Larg. topo: 0,43.
ECrE-1	Único esteio esquerdo do Corredor	2,33	1,06	0,38	Compensado em altura por dois blocos pétreos.
ECrD-1	Único esteio direito do Corredor	2,33	1,17	0,52	
ECm-1	Esteio				Desaparecido.
ECm-2	Esteio	1,70*	3,48	0,65	O único esteio intacto da Câmara. * na base. 0,85 de largura no topo.
ECm-3	Esteio	2,28	1,52	0,27	Está aparentemente quase <i>in situ</i>
ECm-4	Esteio	1,35	1,53	0,42	Está fragmentado, mas <i>in situ</i> .
ECm-5	Esteio	0,65	1,07	0,15	Não é o original
ECm-6	Esteio	1,77	1,63	0,35	Não é o original. Talvez fragmento do chapéu reaproveitado
ECm-7	Esteio	1,43	2,40	0,30	Não há certeza de ser o original
AECm-1	Alvéolo do ECm-1				Calagem com pedras médias
AECm-4	Alvéolo de ECm-4, o esteio de cabeceira <i>in situ</i>				Calagem com grandes pedras. Colou-se em época indeterminável, por desagregação do granito, à fossa de J.8
AECm-5	Alvéolo do ECm-5 original				Calagem com pedras médias
AECm-6	Alvéolo do ECm-6 original				Calagem com grandes pedras

A abreviatura ECm refere sempre um esteio da Câmara, sendo seguida pela sua numeração, obtida numa sequência no sentido do movimento dos ponteiros do relógio.

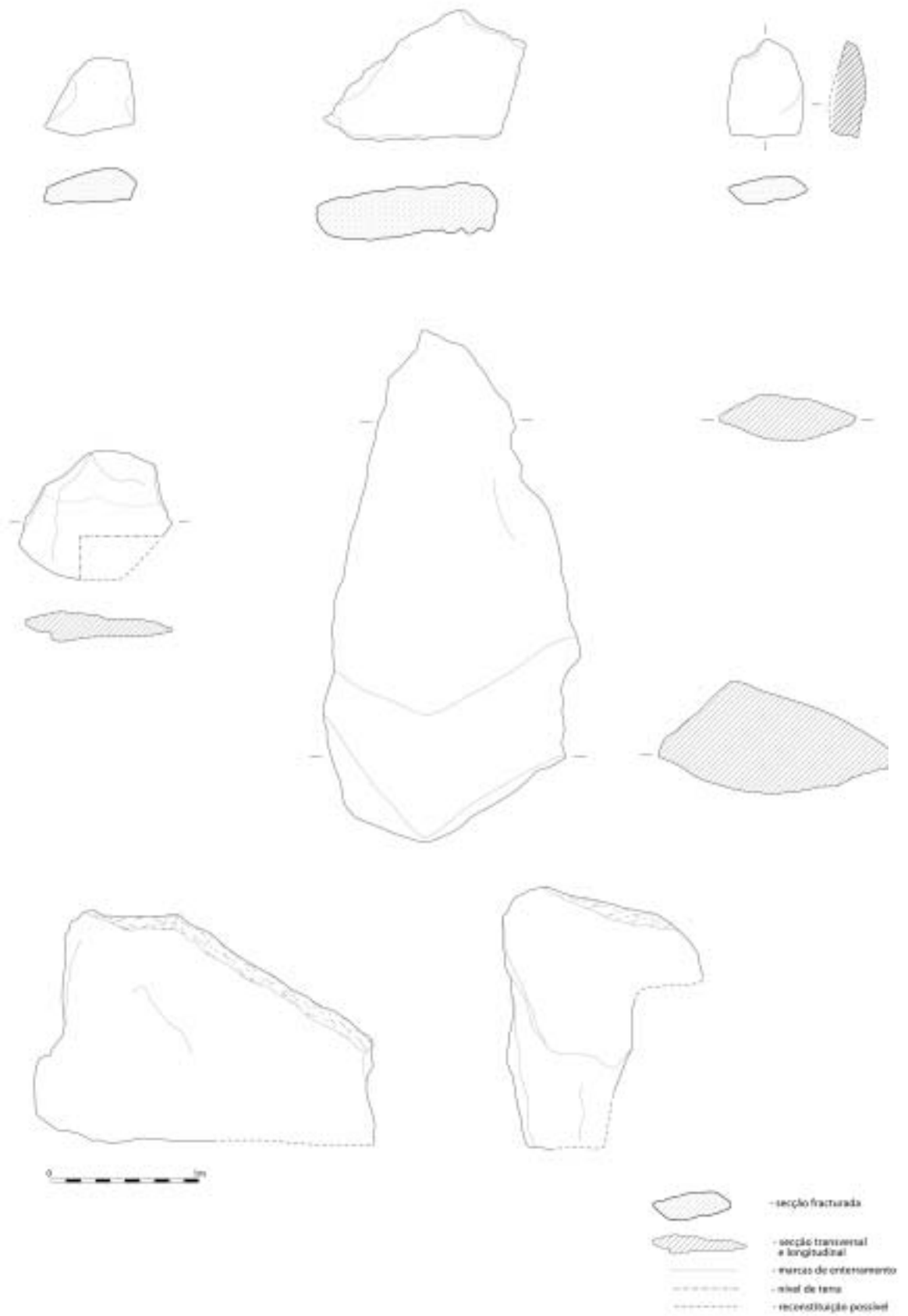


FIG. 1 – Esteios e partes de esteios identificados.

1.3. Visibilidades

Apesar de a visibilidade directa não ser possível, é na direcção geral do Castelo do Azinhalinho, e para Este deste, que a visibilidade ultrapassa claramente os 1000 m, chegando mesmo a distâncias superiores.

Para Norte e Oeste, a visibilidade é muito reduzida e o tipo de vegetação da época poderia ter representado um obstáculo semelhante ao actual.

O topo presumido da estrutura tumular deveria estar a uma altimetria ligeiramente superior a 258,65 m, medida que utilizámos nas definições computadorizadas de visibilidade.

[Este valor foi baseado nos seguintes cálculos:

Altura de ECm-2 (o único esteio intacto): 3,48 m.

Altura do esteio ECrD-1 (cotado): 1,17.

Diferença de altimetrias: 2,31 m.

Cota presumida do topo de ECm-2: $205,99 + 2,31 = 208,3$.

+ presumida espessura do Chapéu da Câmara (espessura média nunca inferior a 0,35, com base na leitura da provável origem de ECm-6) = 208,65.

+ presumida espessura da cobertura de terra sobre o chapéu (50 cm) = 209,15].

A observação da cartografia automática para visibilidades, obtida a partir de STAM-3 (Mapa 4, p. 33), é significativa e reproduz uma realidade a que fogem raros monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Essa realidade difere totalmente da perspectiva teórica generalista avançada por alguns autores, influenciados directamente pela literatura norte-europeia e inglesa: nenhuma monumentalização voluntária da paisagem foi aqui efectuada e o critério de localização dos monumentos em função de uma específica visibilidade é raramente verificável para o conjunto (e em STAM-3 inexistente).

Se observarmos de novo o Mapa 4, veremos que, de STAM-3, nem sequer é visível o limite Norte do Grupo megalítico, de Oeste para Este, as «Serras» das Pedras, de Motrinos e das Barradas. Aliás, nem sequer é visível o Monte do Barrocalinho, localizado junto ao qual se encontra o grande menir com o mesmo nome, a pouco mais de 500 m para NE. Dentro de um território com um raio de 5 km, apenas se vislumbra, a Oeste, uma reduzida mancha, que inclui uma pequena parte da Ribeira da Quinta e outra mancha, mais a SO, com parte do percurso da Ribeira da Sardinha. A Sul, a Ribeira da Santa é parcialmente visível, mas não o Castelo do Azinhalinho, um povoado cronologicamente síncrono com as antas 1 e 3 da Herdade de Santa Margarida. A Este, a visibilidade é também muito curta.

Em vários pontos alternativos de maior visibilidade teria sido possível implantar um monumento ortostático, caso já verificado para a Anta 2 (e mesmo para a 1). Recordo ter escrito, a propósito de STAM-2, « No Neolítico, o monumento seria pouco visível para quem se aproximasse caminhando nas direcções Oeste e Sul, provavelmente camuflado pela vegetação envolvente, encoberto por arbustos de pequeno ou médio porte, a queiró e a urze roxa, mas também pela massa folhuda dos carvalhos cerquinhos (como a análise antracológica permite hoje supor). Para quem viesse de Norte, a visibilidade seria maior e até mesmo considerável para quem seguisse caminho apontando a Este.

Assim, mais uma vez, não se verifica no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz qualquer preocupação específica com uma grande visibilidade em todos os quadrantes, contrariamente ao que tem sido avançado, a meu ver com alguma imprudência, e mesmo, por vezes, com total inadequação, para grupos megalíticos da fachada atlântica da Península. É certo que na construção da Anta 2 de Santa Margarida se procurou intencionalmente uma plataforma ligei-

ramente sobrelevada na paisagem. Mas só quem não conhece a planície alentejana após as chuvas de Inverno (e não teve que desatascar carros, *jeeps* e mesmo pessoas) daria a esse facto uma importância maior que a do mesmo pragmatismo que colocava os acampamentos do Neolítico antigo em localizações por vezes a escassos metros de zonas alagáveis, mas sempre em condições semelhantes à da implantação de esta anta.

A visibilidade máxima a partir do monumento lê-se, na paisagem actual, e com as limitações que sabemos, na direcção Noroeste, para uma paisagem plana, pontuada agora por concentrações de pedras provenientes de despedregas efectuadas em diversas épocas. Mas a origem recente de estes montículos não deve afastar o prospector sério: muitos deles formaram-se em torno a afloramentos e a penedos que os neolíticos usaram como abrigo temporário e em vários deles encontrámos restos cerâmicos de épocas antigas. Também o aparecimento de azinhos ou, mais raramente, sobreiros e oliveiras nestes montículos se explica pela maior retenção de água no solo, que faz que em pleno Verão a humidade seja aí maior, constituindo estímulo para o crescimento de vegetação arbustiva ou arbórea.

O terreno é plano, com suaves depressões provocadas pela acumulação das águas de Inverno e Primavera em zonas baixas. É a última paisagem antiga para muitas Herdades de Reguengos, onde o plantio de vinha implica surribas fundas e a brutal nivelção do terreno, com a total destruição da microtopografia histórica.» (Gonçalves, 2001a, p. 120-122).

Esta longa citação poderia repetir-se em dezenas de outras situações referentes ao Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Mesmo em casos como os de Piornal 3, com uma considerável visibilidade para Este (para além da margem esquerda do Guadiana e com visibilidade directa para a Anta da Fábrica da Celulose), os restantes horizontes são muito curtos e sempre agravados por uma vegetação hoje removida.

É talvez o momento de explicar porque damos frequentemente tanta importância a um coberto vegetal desaparecido e cujos efeitos na visibilidade são, portanto, impossíveis de contabilizar com precisão. E também referir a importância que se atribui a determinadas linhas de água.

Para começar pelo fim, é já antiga a constatação da proximidade entre monumentos megalíticos e linhas de água. No entanto, colocar a questão no campo simbólico parece-me francamente deslocado: é necessária água para consumo dos construtores dos monumentos e talvez mesmo para os ritos fúnebres e, sobretudo, é difícil, até mesmo no Alentejo, encontrar um sítio que não esteja perto de uma das numerosas linhas de água sazonais ou perenes. A configuração do terreno e a multiplicação dos cursos de água, mesmo que de caudal limitado, é uma realidade que deve ser tomada em conta.

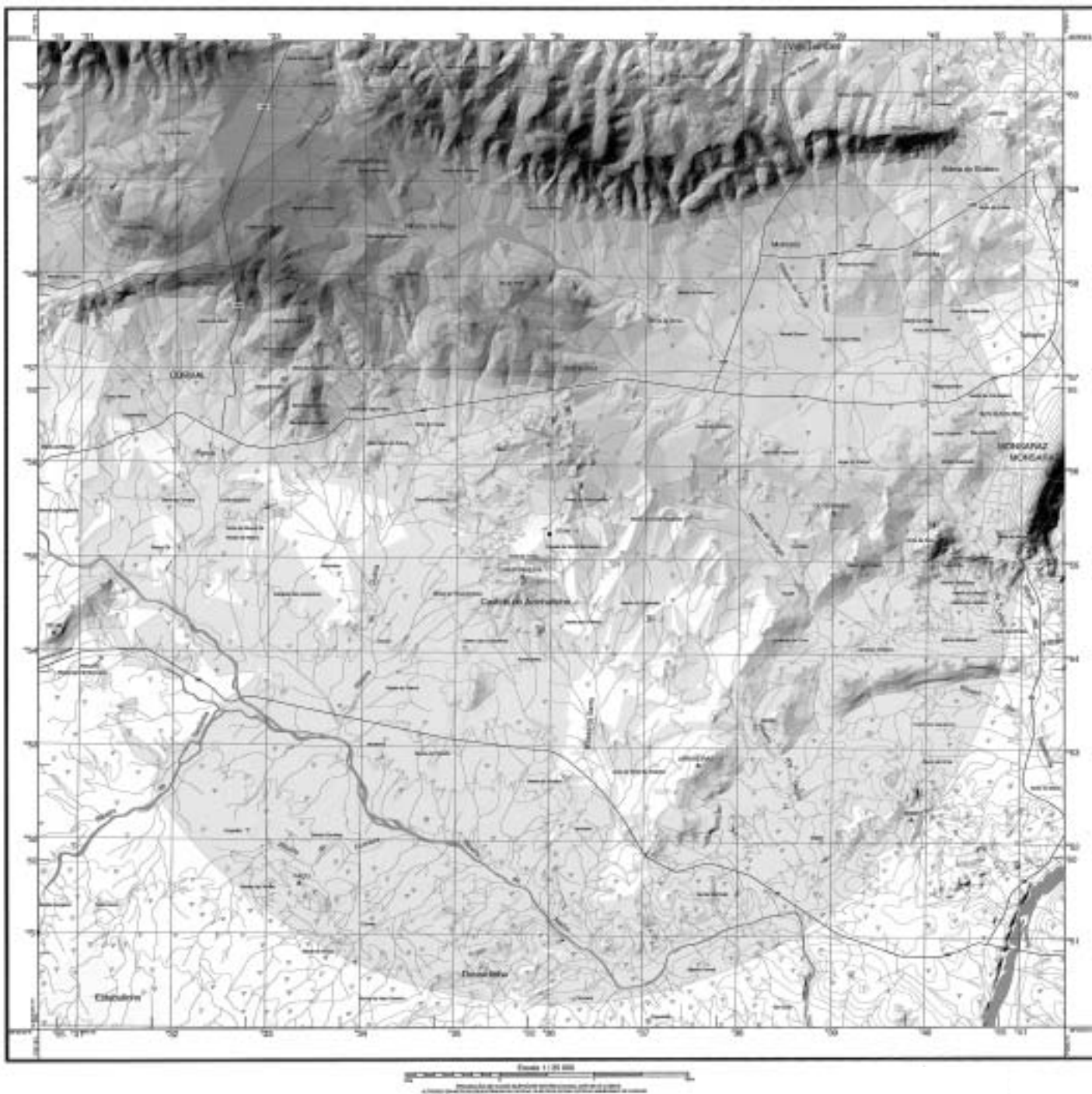
Quanto ao coberto vegetal, vale por si mesmo e pela sua associação específica aos cursos de água. O facto de não conseguirmos ver a Ribeira da Sardinha, cuja importância para os Gorginos e Areias é indiscutível (Gonçalves e Sousa, 1997b) não impede que saibamos que ela lá está, não apenas pelo conhecimento referencial acumulado, mas pelo simples facto de as árvores que crescem ao longo do seu curso apresentarem as folhas mais verdes que as restantes, pela maior quantidade de água que dispõem ao longo do ano, até mesmo na estação seca.

Assim sendo, as Ribeiras e a vegetação têm uma conexão específica na orientação dos indivíduos. Mas também é certo que carvalhos, sobreiros e azinheiras não tratados, como certamente na época aconteceria, geram um denso écran que agrava as visualizações actualmente disponíveis. E reforçando ainda mais a dissociação do conceito teórico idealista de uma monumentalização da paisagem *como se vê* (aqui também em sentido estrito...) e da simples e infinitamente mais modesta realidade.

Poderia parecer demasiado específico este conceito, ou restrito à pequena anta STAM-3, mas se pensarmos nos grandes monumentos, como Olival da Pega 1 e 2, veremos que não se trata de uma excepção, mas efectivamente de uma regra. Que, como todas elas, tem excepções, e incorrecto



FIGS. 2 e 3 – Visibilidades a partir da área sul da estrutura tumular de STAM-3.



MAPA 4 – Visibilidades principais a partir de STAM-3. Cartografia *Instituto Geográfico do Exército*. As manchas brancas, num raio de 5 km em torno ao monumento, são as áreas visíveis, uma ridícula minoria para se fundamentar a implantação de STAM-3 em função da sua visibilidade...

seria não referir aqui, por exemplo, o caso da Anta 1 de Vale Carneiro, talvez a única em Reguengos de Monsaraz que foi desenhada para uma soberba visibilidade, ainda que quase num único sentido. Mas a Anta 1 de Vale Carneiro é um monumento duplamente curioso, por somar à sua invulgar localização...um espólio tardio, com uma caçoila campaniforme (lisa, mas tal é comum nos monumentos ortostáticos reaproveitados de Reguengos de Monsaraz) e um vaso que não destoaria no III milénio, altura em que, com quase absoluta probabilidade, deve ter sido construído...

2.1. O comentário de Leisner e Leisner, 1951

Foi sem dúvida a sumária referência dos Leisner, e a indicação imprecisa de localização, que levou a que se supusesse inicialmente que esta pudesse ser a Anta do Barrocalinho, situação ultrapassada quando relocalizámos aquela anta, que realmente não se encontra longe de STAM-3.

Georg e Vera Leisner registaram os 3 monumentos da Herdade de Santa Margarida nas suas conhecidas monografias (Leisner e Leisner, 1951, 1959), tendo, no entanto, apenas escavado a Anta 1. Posteriormente, publicaram-se comentários e imagens referentes a Santa Margarida 1 (Gonçalves, 1992, 1999, 2001) e o estudo monográfico de Santa Margarida 2 (Gonçalves, 2001), entretanto objecto de escavação (Inverno de 2000).

É a seguinte a primeira referência feita à anta 3:

«N.º 34 - ANTA 3 DA HERDADE DE SANTA MARGARIDA

Situação: 400 m. a Oeste 10° Sul do Monte de Santa Margarida, 500 m. a Leste 35° Sul do Monte do Barrocalinho.

Construção: dois esteios de uma câmara poligonal visíveis num *Tumulus* de altura ainda considerável.».

(Leisner e Leisner, 1951, p. 251)

Esta escassa descrição, com uma economia de palavras relativamente rara nas «Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz», e quase só reservada a monumentos destruídos ou muito danificados, traduz na realidade a totalidade das observações de Georg e Vera Leisner publicada em 1951. O laconismo que a referência dos Leisner regista justifica assim uma observação interessante. Ou STAM-3 foi um monumento identificado já na última fase de trabalho dos Leisner em Reguengos de Monsaraz ou é verdadeiramente incompreensível

1. a ausência de referência ao Corredor;
2. a não indicação da orientação da anta (observação habitual nos textos dos arqueólogos alemães).

Naturalmente, agora é impossível sabê-lo, mas, considerada a escavação efectuada na Anta 1, não é improvável que os Leisner se preocupassem menos com monumentos que pareciam à partida mais destruídos. Este seria realmente o caso de STAM-2, mas em relação a STAM-3 a observação referente ao estado de conservação do *Tumulus* poderia ter despertado maior interesse. De qualquer forma, também nas antas da Herdade do Passo se registaram *tumuli* ainda relativamente bem preservados e tal não implicou que os Leisner os tivessem escavado.

2.2. A situação de emergência detectada em 2000

Em 2000, na sequência da integral destruição do monumento 1 e da parcial destruição do 2, (Gonçalves, 2001, p. 115 e seq.) foi programada para 2001 a escavação do monumento 3, ele próprio danificado, mas a um ponto impossível de determinar com clareza antes do início dos trabalhos previstos.

Em 2000, nos trabalhos de reconhecimento de campo que conduziram à operação de salvamento, observava-se a propósito de STAM-3 tratar-se da anta melhor conservada, com uma estrutura tumular bem visível na paisagem. Considerava-se previsível a sua total destruição, se



FIGS. 4 e 5 – STAM-3 em 2001.07.02, em cima vista de Este e, em baixo, de Norte (fotos Susana Pombal).

não se verificasse uma intervenção imediata. Chegou mesmo a ser considerada como a intervenção prioritária, a assumir imediatamente, no caso de uma acção global nas antas restantes do conjunto da Herdade de Santa Margarida. Mas as negociações com a vice direcção do IPA conduziram a que a intervenção, que envolvia maiores custos que a prevista para STAM-2, fosse realmente agendada para 2001.

2.3. A situação em 2001

A Campanha da Páscoa teve que ser ocupada com operações de prospecção e delimitação de áreas de interesse arqueológico a Norte dos monumentos, uma vez o proprietário da Herdade ter semeado trigo duro, cuja colheita só pode legalmente ser feita a partir de 1 de Julho, e todo o terreno estar assim interdito. Isto permitiu a realocização de monumentos perdidos e de novos sítios de ocupação, tal como, posteriormente, a verificação do estado da Anta da Herdade do Duque (já objecto de publicação, Pina, 1961).



FIG. 6 – STAM-3, vista de Oeste, antes do início dos trabalhos, após a primeira limpeza de terreno. A morfologia do relevo explica a observação dos Leisner sobre um «...*Tumulus* de altura ainda considerável.» (Leisner e Leisner, 1951, p. 251), erro compreensível antes da escavação.



FIGS. 7 e 8 – Estrutura do monumento vista de Este e de Sul. Os blocos maiores resultam da fragmentação de esteios. Na foto de baixo, vê-se a posição do grande esteio ECm-2, totalmente arrancado.

Contactando em Junho o Sr. José Lopes, conseguiu-se que os trabalhos de colheita do cereal comessem exactamente por aquela área da Herdade, abrindo-se assim um largo acesso para as viaturas.

Com seis trabalhadores, iniciou-se também, com o apoio da Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, a vedação do espaço em escavação (36 x 36 m), de forma a evitar perturbações provocadas pelas vacas que pastavam o restolho do trigo duro. As terras retiradas da escavação, já crivadas, foram transportadas para o interior desta cerca, dispostas em rectângulo. Poderiam vir a constituir suporte de uma vegetação a instalar posteriormente, como protecção natural ao monumento, mas foram afinal usadas, numa situação de emergência provocada pelas fortes chuvas que se registaram nos últimos dias de escavação, para entulhar a sondagem na estrutura tumular, a Câmara e o Corredor do monumento. A cerca comporta uma entrada a Norte, suficientemente ampla para permitir a passagem de um *caterpillar*, indispensável para operações de recuperação de esteios a deslocar.

Só em 2001.07.04, quando começámos a desmontar o empilhado de terra, pedras e restos de esteios quebrados em 2000, e acumulados no topo do que resta da estrutura tumular de STAM-3, foi possível avaliar com relativa precisão o verdadeiro estado do monumento. Usou-se um *caterpillar* STET. 438 Series II, do parque de máquinas da Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, para remover os esteios arrancados e permitir a abertura de um plano de ataque à Câmara do monumento. A situação foi esclarecida (tanto quanto possível) e a escavação começou.

3.1. Equipas

A equipa foi coordenada por mim próprio, tendo como auxiliar de campo a lic.^a Susana Pombal.

Na primeira fase dos trabalhos, houve recurso a uma equipa permanente de oito estudantes da Licenciatura em Arqueologia e História e da Variante de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa e, na segunda, a um grupo cujas dimensões variaram de acordo com a estratégia de gestão de campo, normalmente entre 8 e 10. Na última fase de campo, o grupo foi reduzido a cinco elementos, tendo como tarefas finais a conclusão da escavação da Câmara, particularmente do sector mais antigo, e a execução de desenhos de estruturas.

Participantes:

Ana Patrícia Madeira, André Pereira, Belisa Vilar, Hugo Calado, Helena Santos (UNL), Inês Pacheco, Iolanda Duarte, Marco Andrade, Marisa Cardoso, Miguel Laje Correia, Ricardo Grosso, Ricardo Santos, Rui Caetano, Rui de Carvalho, Sandra Pereira, Susana Pais, Telma Carreira, Vanessa Loureiro (UNL).

Sem indicação: Faculdade de Letras de Lisboa. UNL: Universidade Nova de Lisboa

3.2. Metodologia

A natureza específica do sítio não permitiu qualquer compromisso tendente a facilitar ou a «apressar» a escavação.

Assim,

Escavação

1. efectuada com picos de dimensão grande (3 a 1,5 kg), para remoção dos blocos desarticulados da carapaça;
2. efectuada com picos de pequena dimensão, para o interior do monumento e áreas delicadas da estrutura tumular;
3. efectuada com material de precisão para o levantamento dos ossos humanos e materiais fragilizados (placas de xisto gravadas, cerâmica, artefactos de osso polido).

Registo fotográfico

1. para séries a preto e branco, diapositivos e negativos a cor formato 24 x 36, usaram-se três máquinas Nikon, com ópticas especiais para espaços reduzidos de enquadramento (zoom 28-70 mm ED e, sobretudo, a excelente fixa 28 mm 1:1.4);
2. usou-se uma Hasselblad com óptica standard e uma grande angular para registo fotográfico em P&B e Diapositivo, formato 6 x 6.

Registo topográfico

A partir da ligação à rede previamente estabelecida, operaram-se cotagens sistemáticas com um teodolito Wild T2 e um nível da mesma marca.

Registo tridimensional dos artefactos

Em todas as situações. Para artefactos do crivo, usou-se, sempre que possível, a indicação de altimetria para o plano em que se encontravam os artefactos identificados *a posteriori*. Registados, naturalmente, de acordo com os quadrados de onde provinham as terras a crivar.

Medidas, descrição, desenho e fotografia de artefactos

Os artefactos foram medidos com uma craveira digital Mitutoyo Absolute digimatic, modelo CD-6"CS, pesados com uma balança digital Kern 0,00 g, referidos quanto à cor pelo Munsell Soil Color Charts, ed. 2000 (GretagMacbeth, New York).

Os desenhos foram executados de acordo com dois critérios. Todas as placas de xisto gravadas que apresentavam uma gravação *standard* foram desenhadas directamente por Ana Isabel Neves, do Museu de Odrinhas, confrontando-se a primeira versão a lápis dos originais com fotografias ampliadas a 50%. As placas H.8-5 e J.8-667, pela complexidade que evidenciavam, foram, graças ao *Instituto Português de Arqueologia*, enviadas ao CNART, onde se processou o seu desenho com técnicas idênticas às usadas em arte rupestre.

Os artefactos foram fotografados com recurso a uma Nikon F5 provida de uma objectiva Micro Nikkor e, já em fase última, com equipamento digital (Nikon D100, usando como óptica a Micro Nikkor).

Como registo e base de dados, usaram-se as tabelas do Word e do Excel, o Dbase, ainda na versão 5.5, e o File Maker 4.1.

3.3. Estratégias de intervenção

Seguiram-se três critérios básicos (sondar, desmontar e escavar), conforme a situação o exigiu:

1. sondar a estrutura tumular na coordenada 8, atrás da Câmara, apontando a Oeste;
2. decapar a superfície do *Tumulus* na metade Sul do monumento;
3. decapar a área de acesso imediato (entrada) do monumento;
4. escavar integralmente o Corredor e a Câmara;
5. desmontar a remobilizada estrutura tumular junto à Câmara, na metade Norte do monumento;
6. remover das suas implantações de última fase os esteios ECm-6 e -7;
7. desmontar a estrutura de substituição de Cm-5.